

A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITOR EM ESTUDOS LITERÁRIOS E USO DA LUDICIDADE

THE IMPORTANCE OF THE TEACHER IN THE PROCESS OF READER TRAINING IN LITERARY STUDIES AND THE USE OF PLAY

LA IMPORTANCIA DEL DOCENTE EN EL PROCESO DE FORMACIÓN DEL LECTOR EN LOS ESTUDIOS LITERARIOS Y EL USO DEL JUEGO

Elizabeth Lemos de Araújo¹

Cláudio Afonso Peres²

Mirian Lima do Nascimento Mendes³

Jonilton Nunes dos Santos⁴

RESUMO: A atividade da leitura em sala de aula é essencial e deve ser estimulada pelo docente através de vários tipos de materiais e conteúdo, incluindo o estudo literário, a própria linguística, demonstrando o quanto ele pode ser prazeroso e benéfico para os contextos reais de uso da língua, através do uso da ludicidade. Assim, o presente trabalho objetiva demonstrar o papel do professor no processo de formação de leitores de literatura no âmbito escolar e as relevantes contribuições de ensino e aprendizagem oferecidas através dessa prática, principalmente nas séries iniciais, onde ainda estão sendo desenvolvidos o senso crítico e cognitivo do aluno. É salutar frisar os desafios encontrados, sobretudo por parte dos professores, o que requer deles, muito esforço e empenho para a promoção desse método educativo, inferindo-se assim a necessidade de formação continuada dos mesmos.

717

Palavras-chave: Educação literária. Ludicidade. Docentes. Formação de leitores.

ABSTRACT: The activity of reading in the classroom is essential and stimulated by the teacher through various types of materials and content, including literary study, linguistics itself, demonstrating how pleasurable and beneficial it can be for real contexts of use of language. language, through the use of playfulness. Thus, the present work aims to demonstrate the role of the teacher in the process of training literature readers at school and the relevant teaching and learning contributions offered through this practice, especially in the initial grades, where critical and cognitive sense are still being developed. of the student. It is worth highlighting the challenges encountered, especially on the part of teachers, which require a lot of effort and commitment from them to promote this educational method, thus inferring the need for their continued training.

Keywords: Literary education. Playfulness. Teachers. Reader training.

¹Mestranda em ciências da educação Licenciatura em Pedagogia UCA Uninter Christian of America Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera.

²Dr^o em ciências da educação Professor e pesquisador, orientador do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia IFAM-Campus Coari-Amazonas.

³Mestranda em ciências da educação Licenciatura em Letras UCA Uninter Christian of America UEA.

⁴Doutor em Ciências da Educação, UCA Uninter Christian of America Prof.^o orientador, Universidade Del Sol Paraguai.

RESUMEN: La actividad de lectura en el aula es fundamental y debe ser estimulada por el docente a través de diversos tipos de materiales y contenidos, incluyendo el estudio literario, la lingüística misma, demostrando cuán placentera y beneficiosa puede resultar para contextos reales de uso del lenguaje, a través de ella. el uso de la alegría. Así, el presente trabajo pretende demostrar el papel del docente en el proceso de formación de lectores de literatura en la escuela y los relevantes aportes de enseñanza y aprendizaje que ofrece esta práctica, especialmente en los grados iniciales, donde aún se desarrolla el sentido crítico y cognitivo. del estudiante. Cabe resaltar los desafíos encontrados, especialmente por parte de los docentes, que exigen de ellos mucho esfuerzo y compromiso para promover este método educativo, infiriendo así la necesidad de su formación continua.

Palabras clave: Educación literaria. Alegría. Maestros. Formación de lectores.

INTRODUÇÃO

A pesquisa pretende investigar os caminhos percorridos no ambiente escolar para a transformação de indivíduos através de todos os conhecimentos, incluindo o literário com uso da ludicidade. A construção do ensino, observando as relações inferidas no saber, aduz que elas são influenciadas pelos mentores/professores, que precisam prender atenção de seus alunos, através de metodologias próprias e eficientes, despertando neles, o gosto pela leitura literária, acreditando que a leitura seja sempre enriquecedora e necessária para o desenvolvimento humano.

Sobre o exercício da leitura, Ricardo Azevedo assevera que:

[...] leitores são simplesmente pessoas que sabem usufruir os diferentes tipos de livros, as diferentes “literaturas “-científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas entre outras existentes por aí. Conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico; ou uma obra filosófica de uma informativa. Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento (AZEVEDO, 2004, p.38).

Dessa forma, infere-se que a leitura está inserida no contexto construtivo de habilidades múltiplas, envolvendo o uso da escrita e a identificação de gênero textual, sabendo-se que através dessa prática pode-se experimentar experiências marcantes para si e para a relação do leitor com os meios em que vive. Todavia, para que isso seja possível, é imprescindível que haja acessibilidade dos recursos, bem como o acompanhamento do professor, enquanto mediador da leitura, para orientar e facilitar o processo de conhecimento e curiosidade pelos livros literários por parte dos discentes, tendo em vista o grande desinteresse dos alunos em buscar esse tipo de leitura em meio a tantos outros tipos de informações e conteúdos expostos principalmente pelas mídias sociais que podem soarem mais atrativas.

Paulo Freire (1987) ao referir-se sobre a atuação do docente, traz uma crítica acerca da educação tradicional que limita e aliena o aluno, exposição descrita no seu livro *Pedagogia do Oprimido* onde retrata a importância das relações interpessoais sadias para a superação da questão das relações de poder, sugerindo que docente e discente fiquem no mesmo patamar, para que ambos possam dessa forma, ensinar e aprender. Deste modo, é cristalina a constatação de Paulo Freire que proclama que “Ninguém é superior a ninguém” e por isso sugere a eliminação dessas barreiras acerca da hierarquia de poder.

Outrossim, é evidente as inúmeras barreiras existentes entre os alunos e a promoção do hábito da leitura, devendo-se transpô-las a fim de obtenção de maior enriquecimento cultural dos alunos com a utilização de estratégias de leituras literárias, instigando-os a buscarem através do mundo da leitura novas perspectivas de vida, além de novos saberes, rompendo com todos os tipos de resistência sobre essa prática.

Nessa senda, Evangelista, Brandão e Machado afirmam que:

Em outras palavras, professores de Português temos nos debatido com esse pressuposto da dificuldade de trabalhar textos literários na escola, de promover a leitura de livros, de contribuir para que os alunos se tornem leitores voluntários e autônomos, acrescentando-se o fato de que a necessidade escolar de avaliação de leitura tem se transformado em cobrança, com todas as ameaças que esta traz e, por isso mesmo, em vez de aproximação e identificação, tais práticas têm causado repulsa ao objeto, desgosto no ato de ler e afastamento das práticas sociais de leitura próprias do contexto de leitores (EVANGELISTA, BRANDÃO e MACHADO, 2011, p.11).

A multiplicidade de formas educativas transpõe as variáveis que se enquadram nos processos de integração social a qual funciona como elemento basilar para os comportamentos humanos e senso crítico, sendo correto afirmar que todo tipo de leitura é válida, contudo há nitidamente muita deficiência nos sistemas de ensino em relação ao incentivo e familiarização com as literaturas, onde se deveria ter um alcance maior no se concerne ao encorajamento humano, sobretudo de jovens a novas potencialidades, não obstaculizando o processo de socialização, pois é importante salientar que por desse raciocínio é na idade juvenil que ficará definido a formação crítica acerca dos objetos políticos com a conjunção das etapas de vida e integração social focados no protagonismo ativo dos cidadãos na sociedade.

Pode-se avaliar que processo de transformação depende da identificação teórica aplicando-se a prática, restabelecendo-se na transformação do ser humano para a devida efetivação do processo de conscientização através da descoberta de novos fundamentos dentro de livros literários.

Nesse sentido, a pesquisa promove contextualizações específicas sobre o trabalho do docente na formação de leitores, demonstrando os mecanismos que podem ser por eles utilizados para melhor aprendizagem com ludicidade do aluno e alertá-los para os benefícios proporcionados pela leitura literária, saindo do campo de tão somente interpretação dos signos do alfabeto.

A pertinência do estudo infere-se no melhor entendimento sobre a prática da leitura literária e estudo sobre linguística no contexto escolar como forma de melhor habilitar o aluno para um futuro próspero, tornando-o um leitor crítico, figurando-se como sujeito mais valorizado através de uma educação transformadora. Nesse processo, a figura do educador com o compromisso supremo com a educação é imprescindível para o despertar do interesse dos alunos por esse gênero textual, constituindo-se assim em alguém que consiga desfrutar e dar sentido e significado ao que lê.

Essas interações são primordiais para o desenvolvimento humano, de modo que o compartilhamento de ideias e leituras são formas de melhor confronto com a realidade e sendo a literatura um instrumento valioso, oferecendo ao aluno uma melhor capacidade crítica, melhores chances futuras de inserir no mercado de trabalho e sempre traz novas possibilidades de aprendizagem.

Nesse viés, acredita-se que a discussão do presente tema é extremamente necessário para abrir mais espaço para utilização de metodologias lúdicas de ensino nas escolas sobre o uso de literatura como forma de empoderamento, observando o comportamento diário do discente numa concepção de produtividade e positividade e a partir dessa perspectiva analisa as relações entre professor e aluno no processo de formação de leitores, enaltecendo-se o papel do professor como orientador.

Nesse condão, Guimarães assevera:

A literatura implica reconhecer, entender e fruir elementos de natureza expressiva, conativa e poética que destacam o espaço da manifestação literária como aquele que exige do seu leitor muito mais participação do que aquela requerida em processos de interação verbal que destacam sobremaneira a função referencial da linguagem (GUIMARÃES, 2012, p.21).

Assim, destaca-se que o trabalho com literatura leva o leitor a espaço nunca antes visitados, permitindo a percepção de novos horizontes e para que o professor exerça o papel de orientador com magnitude, também se faz necessário à sua adequada formação como leitor.

As leituras compartilhadas em literatura devem fazer parte da rotina escolar, de forma que aumente o interesse e cresça o número de leitores e ultrapasse o entendimento que a leitura

literária é apenas fonte de entretenimento, mas sirva como a formação crítica e reflexiva do cidadão.

Analisar o papel do professor no processo de formação de leitores de literatura e estudos de linguística no âmbito escolar e as relevantes contribuições de ensino e aprendizagem.

MÉTODOS

A metodologia desta pesquisa quanto aos meios, baseia-se através de vasta pesquisa bibliográfica, através de estudo de revisão de literatura, fundamentando-se, portanto, na coleta de dados através de artigos científicos, monografias, livros e notas, publicados e disponibilizados em meios impressos e digital.

Possui também caráter exploratório, justamente pela dinâmica de estudo, permitindo o desencadeamento da discussão em vários aspectos relacionados ao letramento literário, atuação dos docentes, estratégias de ensino.

O trabalho foi desenvolvido, seguindo os passos conforme destacados a seguir: Seleção e estudo da bibliografia; Levantamento de ferramentas para apoiar no presente estudo através de notas e regulamentações legais.

O processo de seleção dos estudos foi executado por meio da leitura minuciosa de títulos e resumos, de modo que irão para a seleção final os estudos que atendam aos critérios de inclusão que envolverá todo tipo de estudo que se baseie-se no tema escolhido, não havendo exclusões. Será realizada análise de forma crítica e detalhada, fazendo comparação com a literatura pertinente à temática.

Trata-se, portanto, de um trabalho eminentemente de pesquisa, análise e interpretação de material bibliográfico, ou seja, de estudo de fontes com apoio de textos teóricos e obras de referência. Para sua realização serão necessárias leituras sistemáticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

EDUCAÇÃO NO CONTEXTO SOCIAL

LETRAMENTO LITERÁRIO

Letramento ou literacia compreende a representação da linguagem através da leitura e escrita e diferentemente da alfabetização que é mais restrita, o letramento é utilizado como uma prática social pela apropriação da escrita, possibilitando uma reflexão desta, enquanto a

alfabetização permite apenas a competência de ler e escrever, mesmo que uma não se contraponha a outra.

Soares, conceitua melhor a supracitada diferenciação dos dois vocábulos:

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento. (SOARES, 2003, p. 90).

Pode-se defender assim que o letramento corresponde a uma prática discursiva de determinado grupo, pressupondo que através dele consiga-se melhor comunicar, relacionar-se adquirir novas culturas, sabendo-se que existe inúmeros tipos de letramentos, mas que de toda forma devem se integrar na formação social dos alunos.

Quando se remete ao letramento literário, relaciona a compreensão sobre os escritos de literatura, considerando-os essenciais para ter vivências de diferentes mundos que podem fornecer experiências marcantes e enriquecedoras, tornando-se uma leitura significativa, mesmo que seja através da ficção.

A importância que se dá nessa atividade é reconhecidamente grandiosa e constituindo-se como um movimento que deve ser contínuo, foi instituído pela Resolução nº7, de 14 de dezembro de 2010, que trata sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais, em seu § 2º do art. 30, o seguinte:

Considerando as características de desenvolvimento dos alunos cabe aos professores adotarem formas de trabalho que proporcionem maior mobilidade das crianças nas salas de aula e as levem a explorar mais intensamente as diversas linguagens artísticas, a começar pela literatura, a utilizar materiais que ofereçam oportunidades de raciocinar, manuseando-os e explorando as suas características e propriedades. (BRASIL, 2012)

Nesse sentido, cabe ao professor incentivar veemente a prática da leitura literária como parte integrante e necessária do processo de escolarização adequada, oferecendo todo o suporte para essa atividade, trabalhando não de uma forma mecânica, mas de uma forma interacional, fazendo com que o aluno reaja de acordo com as informações obtidas em suas leituras realizadas.

Ademais, A Constituição Federal de 1988, traz em seu art. 210 a menção de como deve ser formado o currículo escolar, dispondo que: “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”. Dessa forma, o Estado é responsável pela fixação base de conteúdos a serem explanados na comunidade e para a produção dos currículos deve salientar a observação das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica que determinam as políticas e projetos público pedagógicos da escola, bem como a obediências aos

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), que se trata da organização curricular como Didática e Prática de Ensino.

E como visto dentro do currículo escolar deve se ater num modelo construtivista, onde todos os indivíduos principalmente em suas primeiras séries de formação tem capacidade de aprender e fazer suas próprias associações e desenvolvimento de competências e habilidades baseadas nos conhecimentos adquiridos com suas visões de mundos que dependem de suas interações em todas as áreas de socialização vivenciadas e daí se insere a entrada do letramento literário que muito contribuirá para o desenvolvimento do aluno.

Nesse contexto, o diálogo é de suma importância para que as transmissões de conhecimentos sejam positivas e se tenha aprendizados de qualidade, superando as dificuldades encontradas nos recursos materiais que envolve repasses de conteúdo, com o objetivo maior de deixar esses conteúdos o mais claro e concreto possível, já que novo modelo curricular garante uma base interdisciplinar, quebrando paradigmas nesse tipo de instituição social que é a escola.

Dessa forma, pode-se entender que o letramento literário está além de decodificar palavras, já que o mais importante é reconhecer as ideias do autor concebidas, através da leitura, interpretando os sentidos que quiseram dar com aquela construção escrita, transcendendo os limites de tempo e espaço.

Soares (apud SOUZA, 2009, p.142) ressalta que a leitura literária democratiza o ser humano, pois permite o contato com contextos variados de vida, pessoas, lugares, desenvolvendo melhor as habilidades cognitivas de tolerância, persuasão, liberdade, igualdade e justiça social, estendendo-se a visibilidade sobre a realidade.

A inserção do aluno no mundo literário caracteriza-se como uma experiência única e individual, mas com ganhos expressivos que pode estabelecer novos comportamentos através das percepções pessoais entre os sujeitos e os textos ficcionais que tiveram contato.

PAPEL DO DOCENTE NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

O professor atualmente não é mais mero transmissor de informações e sim orientador e mediador de conhecimentos, já que as facilidades de acesso a todo e qualquer tipo de informação são inúmeras e instantâneas, podendo ser consultadas muitas vezes em tempo real, pelo uso da internet.

A prática pedagógica, embora não seja valorizada como deveria, constitui-se como uma das mais nobres atividades, pois mesmo em meio aos avanços tecnológicos, o trabalho do professor ainda é primordial e insubstituível.

O diálogo é de suma importância para que as transmissões de conhecimentos sejam positivas e se tenha aprendizados de qualidade, superando as dificuldades encontradas nos recursos materiais que envolve repasses de conteúdo, com o objetivo maior de deixar esses conteúdos o mais claro e concreto possível, já que o novo modelo curricular garante uma base interdisciplinar, quebrando paradigmas nesse tipo de instituição social que é a escola.

Nessa perspectiva, o currículo escolar deve compreender que a escola deve ser um local acolhedor, embasado além da relação educador-educando, mas marcado por vivências e saberes próprios dos estudantes, que vai além de conhecimento científico, mas sobretudo da conexão homem-mundo como afirma Paulo Freire.

O educador deve ser um inventor e um reinventor constante dos meios e dos caminhos com os quais facilite mais e mais a problematização do objeto a ser desvelado e finalmente apreendido pelos educandos. Sua tarefa não é a de servir-se desses meios e desses caminhos para desnudar, ele mesmo, o objeto e, depois, entregá-lo, paternalisticamente, aos educandos, a quem negasse o esforço da busca, indispensável, ao ato de conhecer. (FREIRE, 1987, p.17)

Dessa forma, as conquistas de conhecimentos se enlaçam na construção de um currículo escolar que tenha uma proposta constituído por conhecimento, consciência e diálogo. Importante destacar que os professores operacionalizam os currículos de diversas formas versando sobre os seus conhecimentos adquiridos. Portanto documentos educacionais sozinhos não irão surtir efeito sem a presença de um profissional que o instrumentalize, principalmente quando se fala sobre educação de base.

Ademais há inúmeros veículos de comunicação que transmitem cultura e são responsáveis pelo processo de aprendizagem do ser humano que juntamente com a globalização irá repercutir positiva ou negativamente na vida das pessoas. Ademais, conhece-se que o professor deve fazer uso de diversas técnicas de ensino, todas incidindo no melhor proveito de conhecimentos e socialização para formação de cidadão bem instruídos e conhecedores de seus direitos e deveres.

Ana Canen (2000) mencionava que “O reconhecimento do caráter multicultural de grande parte das sociedades leva à constatação da pluralidade de identidades culturais que tomam parte na constituição histórico-social da cidadania, nas mais diversas localidades” (p. 136).

Portanto cabe ao educador considerar que cada aluno tem um potencial diferente a se revelar e deve haver o incentivo e respeito a diversidade, pois na ausência desses preceitos pode haver dificuldades de assimilação de conteúdo ou até mesmo provocar evasão escolar.

Nesse contexto, o uso de textos literários também devem se adequar ao público em questão, cabendo ao professor essa sensibilização de escolha, sendo portanto um grande desafio a introdução dessas leituras aos discentes, conforme assegura Soares:

A literatura em âmbito escolar tem sido utilizada como mecanismos nada atraentes para o aluno gostar de ler, porque a escola com sua organização e o professor com sua metodologia, têm colocado o aluno cada vez mais distante dessas práticas, não havendo nenhum incentivo à leitura. O grande desafio é promover estratégias de escolarização mais adequada para a literatura e para leitura. (SOARES, 2001 p.31).

Logo, os docentes têm um papel ativo na formação de seus alunos, sendo responsáveis pelo saber-fazer, devendo estimular a reflexão e o desenvolvimento do indivíduo, relevando o espaço em que ele está inserido e promovendo a emancipação do mesmo.

A percepção do professor reprodutor do ensino encontra-se ultrapassada, tomando lugar para atuação do professor que engaja sua turma, propõe atividades que estimulem a criatividade, cooperação e senso crítico, auxiliando na formação de cidadãos mais conscientes sobre seu verdadeiro papel na sociedade, sabendo portanto reivindicar, agir e colaborar por um mundo melhor.

USO DA LUDICIDADE

Ludicidade é um termo que tem origem na palavra latina “ludus”, que significa jogo ou brincar. Na educação, usamos o conceito do lúdico para nos referir a jogos, brincadeiras e qualquer exercício que trabalhe a imaginação e a fantasia. A ludicidade já seria uma negação.

Há algum tempo, as crianças costumavam ser vistas brincando na rua, em frente as suas casas, enquanto seus pais conversavam. Hoje, essa realidade é cada vez mais rara. Com o advento das novas tecnologias, jovens e crianças e até mesmo adultos e idosos estão utilizando cada vez mais dispositivos tecnológicos como aplicativos, smartphones, tablets, celulares, videogames, laptops, e muitos outros que podem ser utilizados para entretenimento e troca de informações tecnológicas inovações.

À medida que a comunidade escolar transcende os muros da escola, as diferenças vivenciais também emergem no ambiente escolar, pois é na escola que a cultura e a diferença se encontram. Nas instituições de ensino, as crianças falam sobre os programas que assistem na TV e na Internet (através do canal Netflix), como desenhos animados, filmes e, principalmente,

séries que estão se tornando cada vez mais populares entre os jovens. Em geral, muitos dos brinquedos, jogos e diversões que hoje são utilizados como elementos de entretenimento escolar são fruto da interação social, com as novas tecnologias e novas mídias, refletindo uma nova forma de comportamento social. No entanto, as escolas, por serem muitas vezes um ambiente diversificado, valorizam tanto o jogo antigo quanto o jogo atual.

Não é incomum que as crianças falem e operem seus telefones, conectem-se ao mundo digital e pratiquem esportes, joguem rodas, pulem corda e persigam outras brincadeiras consideradas mais antigas. Portanto, a partir das antigas e novas trocas, no campo da jogabilidade, o conhecimento é construído por meio da rede de motivação entre professores e alunos, o que reflete que o ensino deve partir da situação real dos alunos e conectar-se com a situação real, eles estão cada vez mais conscientes da importância dos jogos na educação.

O ser humano está cercado de cultura o tempo todo. Quando olha-se ao redor, percebe-se a forma como as pessoas se vestem, andam e falam, a cultura impressa nas ruas e nos mais diversos ambientes. Isso não é exceção na escola porque as crianças, como seres humanos, também são produtos desse ambiente porque estão constantemente interagindo com ele. Os jogos, a forma como os meninos e as meninas brincam e se divertem, a maneira como se comportam e compartilham os brinquedos, e até mesmo a maneira como guardam os brinquedos, são muitas vezes exemplos de abordagens culturais. Esse modo de ser e de se comportar é concebido antes mesmo de as crianças existirem, e elas adotam essas regras na vida e no brincar.

Como aponta Lima (2008, p. 19), “Assim como os mundos perceptivos das crianças são marcados por traços das gerações mais velhas, também são os rostos das crianças, e suas brincadeiras”.

Cada grupo social tem sua própria concepção do que deve ou não ser aceito em seu meio social. Embora existam tantas diferenças entre as gerações devido à idade, as crianças muitas vezes refletem a cultura das pessoas em que vivem.

Em seu cotidiano, os grupos sociais mudam e aceitam ou não novas regras. E esse é um elemento que as crianças podem perceber na forma como brincam e brincam. Segundo Lima (2008), as crianças formam seus valores, regras, aprendizados e comportamentos a partir do que recebem e modificam esses elementos no processo de convivência com os outros. Essa realidade é vista todos os dias, mesmo na presença do bullying, o que diríamos que é uma forma nociva desse medo e de sua prática.

Há uma variedade de jogos na era contemporânea, que variam de acordo com a localização e o momento histórico. Uma das perspectivas de uso de jogos e brincadeiras pelas crianças é a competitividade, o que ajuda a demonstrar que as crianças precisam aprender e vivenciar na prática a forma como interagem com o mundo. No entanto, esse motivo deve ser cuidadosamente monitorado e utilizado pelo professor para não ser controverso e levar a humilhar os outros, mas sim poder construir um ambiente fraterno em que valores como justiça, caráter, igualdade, sejam aprendidos pelas crianças enquanto brincam (LIMA, 2008).

A competitividade, quando utilizada como ferramenta de incentivo à aprendizagem e novos conhecimentos e práticas, é um elemento saudável, pois ajuda a construir boas relações entre os pares, mostra às crianças a necessidade de aprender como seres humanos, e experiências, novas formas de interagir uns com os outros e o mundo ao seu redor. O engajamento consigo mesmo e com os outros leva ao engajamento com o mundo, tornando-os conscientes de seus próprios valores, emoções, sentimentos, limitações e possibilidades de interagir, influenciar, aceitar e aprender a conviver.

Conforme aponta Lima (2008), percebe-se que, no ambiente escolar, é perfeitamente possível que os professores apreendam novos conhecimentos por meio do brincar e os utilizem como importantes aliados na prática educativa, o que só é possível porque os alunos são vistos como Ser capaz de valorizar suas diferenças e usá-las para o bem comum de outros alunos

Brincar faz parte da vida de uma criança. De fato, podemos dizer que a vida é um jogo e as estratégias são utilizadas o tempo todo para evitar situações que os indivíduos vivenciam. No entanto, usar jogos como argumentos requer cautela, especialmente em um ambiente de grupo como a escola, onde o aprendizado coletivo é necessário. A sociedade é um produto da interação. Assim, enquanto estiver jogando, a criança poderá ver o jogo como uma forma de ajudar os outros a superar obstáculos, ou até mesmo vencer pessoalmente, sem se preocupar com os outros ao seu redor. Tudo vai depender dos valores que o professor tem na sala de aula.

Quanto mais conhecimento os alunos tiverem, mais rico e variado será o jogo. Mas quanto mais valores são ensinados, maiores e mais significativos serão os benefícios do aprendizado. Tudo depende do uso do jogo pelo professor e do ângulo do jogo, e o professor sempre será o agente, o mediador, dessa prática. Segundo Lima (2008), os alunos refletem seus conhecimentos em suas atividades de diferentes maneiras. Jogos e brincadeiras permitem que todas as formas de existência sejam apreciadas. Por exemplo, por meio da dramatização, da arte, da lógica, da comunicação e da observação, os professores poderão desenvolver as atividades dos

alunos nas mais diversas áreas do conhecimento e em todas as disciplinas, pois o conhecimento não conhece fronteiras.

Refletindo sobre a afirmação de Fialho (2017), o brincar escolar e a prática docente podem ser vistos como atividades completamente paralelas, o que jamais aconteceria no ensino tradicional. O brincar, no entanto, desperta o interesse do aluno, e essa motivação torna o aprendizado mais prazeroso e é reforçado na ação do aluno. Portanto salienta que é importante acontecer uma ludicidade e não uma a ludicidade, ou seja, deve se incentivar a escola e os professores a ensinarem seus alunos de forma didática.

As crianças adoram brincar e, se forem estimuladas por um professor com práticas saudáveis, responderão a esses estímulos com todas as suas potencialidades e qualidades emocionais.

Essas regras ajudam os alunos a entender a necessidade de organização na vida, na sala de aula e no jogo. Sem ordem, é impossível atingir o objetivo desejado. Todos, mesmo as crianças, precisam conhecer e cumprir seus direitos e obrigações na escola e na sociedade. E a jogabilidade desempenha um papel importante na viabilização dessa prática humana e social. Na perspectiva de ensinar os alunos como pessoas sociais, tendo a aprendizagem como motor, construindo novos conhecimentos e interagindo com os alunos, os professores podem usar brincadeiras e jogos para alcançar a motivação e eficácia do ensino. Como enfatiza Fialho (2017, p. 2):

Os jogos educativos com fins pedagógicos mostram sua importância, pois facilitam a construção de situações pedagógicas e aumentam o conhecimento, introduzem atividades divertidas e prazerosas e desenvolvem a capacidade de iniciar e motivar ações positivas e motivadoras.

O aluno é capaz de perceber o que está sendo ensinado a ele, e quando entende sua finalidade, se engaja e quer aprender o que o professor está ensinando, naturalmente replica aquele conhecimento porque faz sentido para ele. Jogos e brincadeiras são ferramentas de ensino que podem ser inseridas em diversas situações, como aplicação de conteúdo, validação de aprendizagem, como ferramentas motivacionais, etc.

Mais importante ainda, a variedade de jogos facilita a aplicação de inúmeras práticas ao ensino. O lúdico, com todo o seu potencial motivador, contribui muito para o desenvolvimento do biopsicossocial. A maturação do movimento ocorre em todas as fases da vida, graças ao brincar para o desenvolvimento saudável do organismo. Da mesma forma, questões emocionais relacionadas à autoconfiança e valores morais de igualdade entre os indivíduos são elementos que são reforçados por meio da prática do brincar.

Seguindo esse princípio, muitos jogos e brincadeiras inspiram e moldam a personalidade de um indivíduo, por exemplo, dando-lhe confiança e segurança para ser ensinado e realmente aprender. Neste caso, Fialho (2017, p. 3) esclarece no contexto da aprendizagem, os jogos podem ser usados para uma variedade de propósitos. Um dos usos básicos e muito importantes é a possibilidade de construir confiança. Outra é aumentar a potência. Nessa direção, os jogos e brincadeiras são de grande interesse para o processo de ensino, pois facilitam a adequação dos conteúdos e a prática lúdica e melhoram a linguagem dos alunos na prática de vida por meio da simulação da realidade.

A escola, como lugar de socialização, não abriga depósitos de conhecimento, mas aprendizagens valiosas na vida adulta. Abrange pessoas que tiveram conexões sociais desde tenra idade e as usa para continuar o desenvolvimento de alunos e professores. Nesse sentido, o brincar é uma ferramenta democrática, pois está inserido no ambiente de ensino como elemento de comunicação e solidariedade do aluno, fortalecendo até mesmo a boa convivência, substituindo assim o bullying por cooperação, respeito e afeto, estabelecendo valores altruístas e entrosamento do aluno. Unidade entre eles, eles são humanos.

Nos jogos fictícios, o professor tem que utilizar objetos que darão à criança um novo contorno no jogo. Portanto, é muito importante que o professor conheça esses elementos que irá utilizar, pois ao fazê-lo, saberá como os alunos aprendem a partir de sua própria experiência. Os jogos fictícios podem ser uma forma de entender a realidade porque ela se torna a realidade vivenciada pelo próprio jogo. E as crianças, quando brincam, substituem o real pelo imaginário, mas para elas são sempre reais. Esses momentos podem ter professores intervindo em conversas ou outras sugestões para fazer as crianças pensarem sobre sua realidade.

CONCLUSÃO

. Sabe-se que dificuldades são encontradas tanto em sala de aula como fora dela, mas se faz necessário que o educador encontre formas de tornar as suas aulas criativas para que conquiste a atenção de seus alunos e os incentive a busca pelo conhecimento e incentivo à leitura.

O uso de recursos didáticos como ludicidade ao aluno participar do processo de construção de conhecimento, percebendo a verdadeira relação entre o conhecimento científico e a vida cotidiana. Além de ser uma alternativa acessível, de fácil manuseio e construção para se trabalhar com o ensino de ciências de forma descontraída e atrativa.

É notável através desse estudo que os alunos têm mais facilidade para aprender quando são instruídos de uma forma diferente como foi o caso das construções das maquetes. Dessa forma foi possível observar nessa aula, o interesse dos alunos com relação ao conteúdo ensinado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. IN: EVANGELISTA ET AL (orgs.). **A escolarização da leitura literária**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de Leitores e razões para a literatura**. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.) Caminhos para a formação do leitor.1.ed.São Paulo: DCL, 2004, p.38-4.

BEHERENS, Marilda Aparecida, "Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente", em MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**, Campinas: Papirus, 2000.

BEZERRA, B. Letramentos acadêmicos e construção da identidade: a produção do artigo científico por alunos de graduação. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**. Tubarão/ SC. v. 15, n. 1, p. 61-76. 2015.

CABRERA, Waldirléia Baragatti. **A LUDICIDADE PARA O ENSINO MÉDIO NA DISCIPLINA DE BIOLOGIA: Contribuições ao processo de aprendizagem em conformidade com os 35 pressupostos teóricos da Aprendizagem Significativa**. 2006. 159f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

CANEN, A. **Competência pedagógica e pluralidade cultural: eixo na formação de professores?** Cadernos de Pesquisa, n. 102, p. 89-107, nov. 1997.

DA SILVA, V.; MUNIZ, A. M. V. **A geografia escolar e os recursos didáticos: o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da geografia**. Geosaberes, Fortaleza, v.3, n. 5, p. 62-68, jan. / jun. 2012.

DORNELLES, João Ricardo Wanderley. **Violência Urbana, direitos da cidadania e políticas públicas de segurança no contexto de consolidação das instituições democráticas e das reformas econômicas neoliberais, Discursos sediosos –crime, direito e sociedade**. Rio de Janeiro. Instituto de criminologia, Ano 2 n. 04, 1997.

DURKHEIM, Émile **Educação e socio logia**, trad. Lourenço Filho, Edições Melhoramentos, São Paulo, 4ª ed., 1967, pp. 25.56. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/durkheim-a-educac3a7c3a30-como-processo-socializador.pdf>> Acesso em 20 de maio 2022.

FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem**.2001.

FIALHO, Neusa Nogueira. **Os jogos pedagógicos como ferramentas de ensino**. VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 2008. Pontifícia Universidade

Católica, Curitiba. Disponível em:
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/293_114. Acesso em: em: 9 junho.
2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2012.

JUSTI, R. **La Enseñanza de ciencias pasada em la Elaboracion de Modelos. Enseñanza de Las ciencias. Enseñanza de las ciencias**, Bascelona, V.24,n.2, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **CULTURA: Um conceito antropológico**. 14 edição, Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro. 2001.

LEITE, Gledson Micael da Silva.; LIMA, Filipe Gutierre Carvalho.; CALDAS, Adriana de Jesus. **O ensino de ciências por meio de práticas lúdicas no recreio escolar**.n.7, 2014.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: O real o Possível e o Necessário**. Porto Alegre, RS: Art. Méd., 2002.

LEWIS, A. **Problems presented by ambiguous word "anxiety" as used in psychopathology**. The Later Papers of Sir Aubrey Lewis. Oxford: University Press. (1979).

LIMA, José Milton. **O jogo como recurso pedagógico no contexto educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica/Unesp, 2008. Disponível em:
http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/O%2520Jogo%2520como%2520recurso%2520pedag%25F3gico%2520fINAL.pdf. Acesso em: 10 junho. 2022.

731

MALUF, A.C.M. **Atividades lúdicas como estratégias de ensino aprendizagem**. 2006.

MEDEIROS, L. et. al. **Supervisão educacional: possibilidades e limites**. São Paulo: Cortez, 1985. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/401_567.pdf> Acesso em 20 de maio 2022.

MORTIMER, Eduardo Fleury; CARVALHO, Anna Maria Pessoa. Referenciais teóricos para análise do processo de ensino de ciências. **Cadernos de Pesquisa**, n. 96, p. 05-14, 2013.

ORLANDO, T.C.;LIMA,A.R; SILVA,A.M;FUZISSAKI, C.N; RAMOS, C.L; MACHADO,D; FERNANDES,F.F; LORENZI,J.C.C; LIMA,M.A;GARDIM.S;BARBOSA,V.C;TRÉZ,T.A. Planejamento, montagem e aplicação de modelos didáticos para abordagem de Biologia Celular e Molecular no ensino médio por graduandos de Ciências Biológicas. **Revista Brasileira de Ensino de Bioquímica e Biologia Molecular**. N.1.2009.

ROSIN, S. M. **Os incríveis anos da adolescência. Psicologia e educação: compartilhando saberes**. Maringá: Eduem, 2009, pp. 91-110. Disponível em:
<http://www.ead.cesumar.br/moodle2009/lib/ead/arquivosApostilas/1244.pdf> > Acesso em 20 maio de 2022.

SCHMIDT, A. **História e natureza em Marx.** In: COHN, G. (Org.). Sociologia: para ler os clássicos. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros técnicos e científicos, 1977 [1966], pp. 240-258.

SOARES, M. **A escolarização da leitura infantil e juvenil.** In: EVANGELISTA, A. A. M. BRANDÃO, H. M. B. MACHADO, M. Z. V. (org) A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2. Ed. 2001. Pt. 1: cap. 1 17-48.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento um tema em três gêneros.** Belo Horizonte:autentica ,1998

XAVIER, Libânia Nacif. **Impressos e história da educação: usos e destinos.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 152-166.